

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, A MODIFICAÇÃO DO ESPAÇO RURAL E A CULTURA DE PAZ: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Pâmela Camelo
Universidade Federal Rural de Pernambuco
pam_holanda@hotmail.com

Rozélia Bezerra
Universidade Federal Rural de Pernambuco
rozeliapernambuco@hotmail.com

RESUMO

Esse trabalho objetiva relatar o processo de uma intervenção do projeto “Encontros e conversas com Jane Austen e Leonardo Boff: reflexões sobre História(s), Sustentabilidade e a Cultura da Paz”. O intuito inicial foi utilizar a literatura como fonte principal de análise do tema Revolução Industrial. A explanação sobre os espaços contou com a utilização do livro literário *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. Um estudo também fora feito com base no livro de Raymond Williams para se trabalhar o contexto dos espaços rural e urbano. Por fim algumas reflexões que envolveram pontos do livro “Virtudes para um outro mundo possível”, de Boff, serviu para os estudantes refletirem sobre a cultura da paz.

Palavras chave: Literatura; Espaço; Revolução Industrial

INTRODUÇÃO

O principal objetivo do trabalho contou com o intuito de desvendar as relações sociais, culturais e de espaço existentes nas obras de Jane Austen e relaciona-las aos questionamentos existentes no livro de Leonardo Boff, *Virtudes para um outro mundo possível*. Assim, desenvolvendo uma relação de diálogo entre os autores. Isso contava com os seguintes sub-objetivos, compreender qual foi a importância da Revolução Industrial e suas possíveis influências nos campos ambientais e econômicos e desenvolver atividades a respeito das hierarquias/ disputas envolvendo os temas nos livros didáticos da escola fazendo sempre uma associação com a sustentabilidade, a literatura e a cultura da paz.

JUSTIFICATIVA

Nós formamos a nossa vida a partir de experiências, sejam elas contadas, vistas, vividas. Estamos sempre aprendendo e revendo valores e situações, a literatura não está longe disso, nos livros podemos representar vidas e situações do cotidiano, tanto de épocas passadas como atuais, ao ler podemos desvendar lugares desconhecidos em épocas passadas e até imaginar um futuro. Ao ler podemos sentir e imaginar as situações que foram contadas, nos identificar e até mesmo questionar.

Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo a minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafetos da vida familiar e amorosa. (BLOOM, 1999. p, 10.)

Por isso trabalhar a literatura de Jane Austen fora algo que me interessou e foi essa autora que auxiliou todo esse processo e a intervenção que o tema contou com a Revolução Industrial, casou com uma grande veracidade e com a compreensão do espaço rural e urbano desse momento histórico. Boff entrou nesse contexto como algo muito positivo por se tratar de um questionamento muito atual.

METODOLOGIA

No processo de ensino- aprendizagem os métodos utilizados em sala de aula foram de intervenções baseadas na ideia de construção do aprendizado, isso significa que o conteúdo apresentado o(a)s aluno(a)s fora aplicado com o intuito de fazer com que os estudantes ganhem toda uma autonomia para o desenvolvimento de pesquisas e conhecimento a partir da apresentação do tema. A técnica contou com debate em sala de aula, leitura de excertos das obras e discussão sobre a problemática que seria no caso permanências/ resistências no espaço rural e urbano.

A FORMAÇÃO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Ocorreram muitas transformações na sociedade inglesa a partir do século XV, e essa passa a sentir um processo de mudanças que a levariam a ser a percussora da Revolução Industrial. Então quais seriam os motivos dessa Revolução acontecer na Inglaterra? Segundo Eric Wolf não há uma resposta fixa e para ele tiveram que acontecer um desencadear de fatos que acabariam por desenvolver a Revolução.

Começou por volta de 1600, quando essa sociedade em vez de continuar a sua criação de carneiros passa a produzir a sua própria lã no qual o intuito seria a venda para os outros países, e esse comércio acabou por interligar a cidade de Londres com as zonas mais interioranas da Inglaterra. Dessa forma Wolf distribui esse desfecho da formação da Revolução em quatro pontos principais: O primeiro seria a transformação da agricultura em negócio, o segundo se voltaria as ligações entre o interior e Londres criando assim relações importantes entre comerciantes e proprietários de terras, em terceiro era a situação em que no meio do século XV já havia acabado a servidão e com isso teve-se um processo de converter a terra que era trabalhada por camponeses em arrendamentos e isso se baseava também em uma força de trabalho que se chamaria de trabalhadores móveis, e por último as crises políticas entre a aristocracia e o rei, acabaram por fazer com que se criasse um novo cenário na sociedade local, assim muitas relações comerciais acabaram por se estender para o campo.

Em meados de 1700, com o início da Revolução Industrial as máquinas que era usadas nas manufaturas não seriam diferentes das utilizadas na Índia e o sistema de fornecimento por onde passava o algodão era feito em diversas casas no campo da Inglaterra e isso só veio a se modificar em 1780 com algumas mudanças tecnológicas que começaram a partir de um maior acúmulo de capital.

O capital inicial destinado à indústria era em sua maior parte local, levantado por meio de conexões de parentesco, casamento, amizade e conhecimentos locais; “não provinha de fontes institucionais”. (PERKIN, 1969:80; WOLF; p. 329).

Esse capital que fora reservado foi o que financiou a compra de máquinas e conseqüentemente a melhoria dessas. Como se percebe com essas melhorias acabou por se criar uma nova maneira de trabalhar, onde a mão-de-obra que se encontrava dispersa nesse momento acabou por encontrar em uma nova maneira produtiva que seria dentro das fábricas.

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO: O CAMPO E A CIDADE

Nesse momento histórico e de mudanças no qual se ocasiona um progresso tecnológico que a partir dele surgem diferentes modos de vida e de produção que acabam por influenciar o campo e a cidade fazendo com que hajam relações entre esses dois espaços. E com isso também há um quantitativo elevado em relação ao aumento demográfico, principalmente entre os séculos XII e XVIII.

E então, foi nessa Inglaterra que antes era voltada para os setores da vida rural, que foi-se estendendo os impactos da revolução pelas vias econômicas e de produção. Se desenvolveram diversas formas de revolução, a agrícola, a demográfica, a tecnológica e podemos dizer que até a cultural, pois nesse período o capitalismo fora firmado e com ele a sua ideologia voltada para o individualismo e liberalismo. A reforma agrária e tecnológica tiveram de certo modo um impacto maior que as outras se formos analisar o campo visual e de espaço físico, pois estas interferiam fortemente na modificação social que veio a desenvolver-se nesse momento. Com os cercamentos, muitos dos pequenos

produtores tiveram que migrar para as cidades para dar espaço aos grandes produtores que estavam surgindo, e esses camponeses que estavam saindo do campo e indo para as cidades buscavam emprego e melhores condições de vida e estes viriam a ser os proletários, no caso os futuros operários das fabricas.

É preciso compreender também que apesar de todo esse êxodo para as cidades o mundo nesse início de revolução ainda era em geral rural, pois só se tinham dois grandes centros na época que era Londres na Inglaterra e Paris na França. Eric Hobsbawm em seu livro *A Era das Revoluções*, cita que o mundo no século XVIII ainda era essencialmente rural, que países como a por exemplo Rússia tinham uma população quase que 100% vivendo no campo e mesmo em localidades nas quais já se tinham desenvolvido uma industrialização em geral a população continuava a ser maior nas zonas rurais, inclusive ele cita que a própria Inglaterra que fora a percussora nesse movimento de saída dos campos para as cidades só a partir de meados do século XIX é que a população urbana veio a ultrapassar a rural e isso se tomou mais precisamente por volta de 1851, quase um século após o início do processo de industrialização e dos cercamentos que ocorreram. “A cidade provinciana de fins do século XVIII podia ser uma próspera comunidade em expansão, como a sua paisagem dominada por construções de pedra em modesto estilo clássico ou rococó ainda hoje testemunha em parte da Europa Ocidental. Mas essa prosperidade vinha do campo”¹.

Nesse pequeno trecho da obra de Hobsbawm é perceptível que a sociedade urbana também era baseada na área rural pelo menos durante toda a primeira fase da revolução, e é necessário se entender também que os cercamentos são voltados para uma perspectiva muito maior do que a saída do campesinato para as áreas urbanas e pensar nisso também como algo que incentivou a aristocracia agrária, além de haver essa concentração de posse passou-se a existir diversos empresários agrícolas e surgiu com eles um grande contingente populacional de proletariado rural, ficando para trás os pequenos proprietários de terras.

Raymond Willians afirma isso em seu livro *O campo e a cidade*, onde ele desenvolve esse questionamento apresentado por Hobsbawm, em que a sociedade inglesa sempre se voltou para esse ponto da propriedade fundiária, ele diz que as terras que eram cultivadas pertenciam a cerca de 5 mil famílias, porém o contingente populacional era de cerca de 8 milhões de pessoas na época e ai se nota uma concentração de terras nas mãos de poucos o que aumentou a quantidade de arrendatários e trabalhadores que eram pagos pelos seus serviços no campo. Isso acabou-se por se desenvolver “relações sociais que podem ser consideradas próprias do capitalismo agrário. Cada vez mais, a produção era regulada através do mercado organizado”². Então se vê nesse momento uma sociedade

¹ HOBSBAWN, Eric J; *Era das Revoluções 1789-1748*

² WILLIANS, Raymond; *O campo e a cidade: na historia e na literatura*; p.88.

rural segmentada e uma cidade que se baseava em uma estrutura voltada para o mundo rural. Com esse desencadear é possível refletir sobre o que Raymond Williams questiona em seu livro *O campo e a Cidade* a respeito da paisagem; ele desenvolve um ponto a respeito da dificuldade histórica em ver o espaço inglês pois este principalmente no século XVIII era visto de forma distorcida. Havia um processo de mudança nas mentalidades, acontecia uma mudança que era intencional no espaço rural e os elementos que seriam essenciais no espaço rural entrariam em um processo industrial.

MUDANÇAS NO ESPAÇO: O CAPITALISMO AGRÁRIO

A sociedade inglesa tinha uma dinâmica econômica diferenciada das outras sociedades e isso o precursor de um sistema baseado em uma dinâmica autossustentada, isso seria então um processo de acumulação e expansão. E nesse processo de acumulação o espaço rural teve um grande impacto, pois a riqueza dos ingleses se gerava basicamente da produção agrícola e do comércio de terras. Nesse comércio de terras ficava de alguma forma implícito esse modelo que possa-se chamar de “capitalismo agrário”, pois havia um processo de retirada de pessoas de suas terras e assim uma criação de pessoas sem suas terras se tornando uma massa de trabalhadores que passariam a vender a sua mão-de-obra. “A transformação das relações sociais de propriedade enraizou-se firmemente no campo, e a transformação do comércio e da indústria ingleses foi mais resultado do que causa da transição da Inglaterra para o capitalismo”. (WOOD, 2001, p. 102).

A economia agrária na Inglaterra fora então o resultado de um processo capitalista, onde existiam leis de movimento que eram causadas em geral por um processo de competitividade que fora ocasionado, por arrendatários que dependiam de sua produção e como estava o mercado, por trabalhadores assalariados e fazendeiros que também eram produtores. E assim segundo Ellen Wood poderia se dizer que formava-se uma tríade, onde existiam latifundiários que viviam da renda de suas terras, arrendatários capitalistas que viviam assim do lucro de suas produções e trabalhadores assalariados, e isso formava de certo modo o capitalismo agrário, que dirigia as relações no espaço rural da Inglaterra.

[...] precedentes do capitalismo agrário fez-se sentir em todas as esferas da vida econômica. Decerto é verdade que o capitalismo inglês surgiu no contexto de um sistema de comércio mais vasto, e não teria surgido sem ele. Mas, contrariando as convenções que identificam a força propulsora do desenvolvimento econômico na atividade comercial, as “leis de movimento” econômicas nascidas na Inglaterra Rural transformariam as antigas regras do comércio... (WOOD, 2001, p. 106)

Então se torna perceptível a importância do mundo rural para a formação da Revolução Industrial, e processo inicial do modo de produção capitalista, sendo o principal motor da consolidação dessa revolução e propulsor de diversas mudanças não apenas na economia, mas também no modo de vida. A sociedade sofre diversas modificações a partir desse comércio que começa a se firmar em cima

das propriedades rurais e da mão-de-obra o que incita também a muitos camponeses perderem suas propriedades e deixarem de viver de subsistência, passando a trabalhadores assalariados gerando um ciclo comercial que a posterior financiou a Revolução Industrial.

JANE AUSTEN: COMPREENDENDO O ESPAÇO E O COTIDIANO.

A sociedade inglesa segundo as obras de Jane Austen era vista de várias formas, em geral ela trás uma perspectiva voltada principalmente para a zona rural da Inglaterra que fora a localidade em que ela passou praticamente toda a sua vida, de forma sutil em sua literatura ela cita varias áreas da Inglaterra entre o século XVIII e inicio do XIX, o que envolve esse período inicial da Revolução Industrial. Desse modo a sua obra se torna uma representação da sociedade que estava se formando e como era vista as relações sociais entre as famílias mais ricas e as que estavam em uma situação social não privilegiada. Além de se notar uma construção do idealismo romântico em seus escritos, o que foi um movimento literário muito importante nesse período histórico.

As relações sociais nessa Inglaterra de Jane Austen estavam bem claras, a classe predominante era a dos proprietários de terras que vinham de uma antiga aristocracia, mas esses acabavam por ter diversas atividades e as suas obras também marcam as relações de ascensões financeiras e a dificuldade de muitos desses antigos aristocratas lidarem com isso. Existia nesse momento toda uma indústria nas cidades que precisava dos campos, também se tinha as navegações de comercio.

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, no condado de Somerset, era um homem que, para a diversão nunca abria nenhum livro, a não ser o *Baronetage*. Nele encontrava ocupação para as horas de ócio e consolo nas horas amargas; nele se exaltavam suas faculdades de admiração respeito, pela contemplação dos poucos remanescentes da antiga nobreza; nele quaisquer sensações desagradáveis provocadas pelos negócios domésticos se transformavam naturalmente em consideração e desdém, enquanto folheava a lista quase infinita de nobres criados no último século [...] (AUSTEN; PERSUASÃO, p.9)

O Sir Walter Elliot, é um desses antigos aristocratas donos de terras que davam bastante valor a sua fidalguia e condição social. As propriedades de terras nesse momento estavam deixando de ser uma herança que gerava rendas para os seus proprietários e se tornando algo maior, um processo de produção. No caso de Kellynch Hall essa propriedade era boa, porém, não alcançava os padrões que o Sir Elliot queria pois ele tinha uma ideia de padrão de vida alto que a sua propriedade já não conseguia mais segurar. Sendo ele um desses aristocratas que estavam em falência. Nesse processo o Sir teve que pensar em uma forma de quitar as suas dividas, no caso a medida mais sensata seria alugar a sua propriedade e ir para uma cidade que acabaria por ter um custo mais baixo e ele conseguiria quitar as suas dívidas.

Havia três opções: Londres, Bath ou outra casa de campo. As preferencias de Anne iam todas para esta ultima. Uma casinha em seu próprio vilarejo, onde ainda podiam ter a companhia de lady Russell, estar próximos de Mary e ter o prazer de vez por

outra verem os gramados e os bosques de Kellynch, era o objeto de sua ambição. Mas o costumeiro destino de Anne estava à sua espreita, quando viu ser tomada uma decisão diametralmente oposta às suas intenções. Detestava Bath e não achava que a cidade lhe fizesse bem, e Bath seria o seu novo lar. (AUSTEN; PERSUASÃO, 2012, p.22)

Nesse momento a autora apresenta uma preferência da personagem Anne Elliot pelo campo, por este lhe transmitir uma tranquilidade e a sua aversão a Bath que fora uma cidade na qual ela vivenciou alguns momentos de sua porém não gostava do ambiente. Daí pode-se desenvolver questionamentos a respeito de alguns personagens de suas obras e as suas preferências a respeito do campo e da cidade, onde se é perceptível um visão a cerca de um campo de paz, e o refugio que esse espaço representaria e a dicotomia da movimentação que se tinha na cidade, os bailes, a classes sociais tentando se reafirmar com mais força e a novidade que esse espaço pode trazer se for comparado a passividade do campo, seguindo o olhar de alguns dos personagens dos livros de Jane Austen.

Chegaram a Bath. Catherine era só alegria e animação – seus olhos estavam aqui, ali, em toda parte, ao aproximarem-se de seus belos e impressionantes arredores e, mais tarde, percorrerem as ruas que os conduziam ao hotel. Ali viera para ser feliz, e assim já se sentia. (AUSTEN; A ABADIA DE NORTHANGER, 2012, p. 19)

Com esse desencadear é possível refletir sobre o que Raymond Williams questiona em seu livro O campo e a Cidade a respeito da paisagem; ele desenvolve um ponto a respeito da dificuldade histórica em ver o espaço inglês pois este principalmente no século XVIII era visto de forma distorcida. Havia um processo de mudança nas mentalidades, acontecia uma mudança que era intencional no espaço rural e os elementos que seriam essenciais no espaço rural entraria em um processo industrial. Então se passa a pensar uma nova forma de paisagem e nessa mudança também é possível perceber nas obras de Austen essa mudança na paisagem a as mudanças nas preferências de suas personagens por essas formas de paisagem. Há então um processo de construção da natureza.

JANE AUSTEN E BOFF, EM SALA DE AULA

Contando com essas reflexões a cerca do tema histórico Revolução Industrial, percebe-se muitas continuidades na atualidade e com isso também nota-se que muitas coisas das quais nos questionamos a respeito de um possível mundo bucólico rural entra em questionamento. Nesse momento após os estudantes já interpretarem o seria a Revolução Industrial e quais os seus impactos nos séculos seguintes, fora apresentado aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, Escola Dom Bosco, a reflexão foi, “ Existe uma paz possível? ”. Essa pergunta existe em um dos sub-tópicos do livro de Leonardo Boff, “Virtudes para um outro mundo possível”, semeou-se então um debate em sala de aula gerando diversos pontos de vista, fazendo com que eles tomassem pra si a sua própria idéia de um mundo de paz e que qual seria esse modelo de paz que procuramos.

Ao perceber isso, é notório observar que o livro literário utilizado nessa aula, *Orgulho e Preconceito*, de Austen, serviu para uma visualização do espaço e tempo, essencial para que esse debate ocorresse. Na obra de Jane Austen, faz um passeio entre condados da Inglaterra e apresenta descrições da paisagem daquelas terras no período Vitoriano.

Com isso percebe-se a riqueza da literatura e a sua importância para o estudo da história. Há uma interpretação a cerca do texto que pode ser visualizada por cada um de uma maneira única. Boff entra nesse espaço com a pergunta chave a respeito desse mundo de paz que queremos encontrar e muitas vezes não conseguimos.

Compreende-se que existem muitas perguntas exploradas pelos próprios estudantes a respeito do tema e da forma como isso foi abordado. Um ponto que foi importante a se trabalhar esses aspectos em sala de aula foi o de que eles conseguiram se questionar sobre as modificações no espaço ou não com o advento da Revolução Industrial. Assim eles puderam a partir do debate tirar as suas próprias conclusões sobre a formação do espaço e se há a possibilidade de um mundo de paz.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane, 1775-1817. **A abadia de Northanger**. Tradução Roberto Leal Ferreira; São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção Jane Austen: literatura universal; 5)
- AUSTEN, Jane, 1775-1817. **Orgulho e Preconceito**. Tradução Roberto Leal Ferreira; 3ª ed; São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção Jane Austen: literatura universal; 5)
- AUSTEN, Jane, 1775-1817. **Persuasão; tradução Roberto Leal Ferreira**; São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção Jane Austen: literatura universal; 5)
- BAGLI, Priscilla. **Campo e cidade: a construção dos mitos**; FCT/UNESP.
- CAMPOS, Flavio de; **Oficina de História: volume 3/ Flavio de Campos, Regina Claro**. –1.ed. – São Paulo: Leya, 2013.
- CAVALCANTI, Zedequias Vieira; SILVA, Mauro Luis Siqueira; Artigo. **A Importância da Revolução Industrial no Mundo Da Tecnologia**. 2011.
- DANEMBERG; Juliana Moraes. Artigo. **Primeira Revolução Industrial: aspectos sociais, econômicos e políticos**.
- HOBSBAWM, E. J._____. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 25a ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- UGARTE; Maria Cecília Donaldson; Artigo. **O CORPO UTILITÁRIO: Da revolução industrial à revolução da informação**.
- VIANNA; Alexander Martins; Artigo. **Revolução Industrial: um breve ensaio crítico**. 2008.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**.
- WOLF, Eric R. **A Europa e os Povos sem História**. São Paulo: Edusp, 2005.
- WOOD, Ellen Meiksins. **A Origem do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.